

Pedagogia dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas

Carmen Lúcia Soares* e Alex Branco Fraga**

Resumo: Neste texto, analisamos o processo de constituição do que chamamos de *pedagogia dos corpos retos*, um conjunto de procedimentos destinado a ajustar/endereitar físicos desengonçados e espíritos desconformes aos princípios de retidão do porte e da rigidez do caráter, emergentes nos discursos especializados sobre corpo humano, no final do século XVIII e início do século XIX. Por meio de alguns elementos da literatura, da mídia, e baseados principalmente nas formulações de Georges Vigarello e Michel Foucault, apresentamos algumas considerações a respeito da obsessão contemporânea pelos corpos alinhados, lisos e esbeltos, a partir dos rastros de um longo processo de degradação moral das mais diferentes e detalhadas deformidades orgânicas, processo que vem tornando mais reluzentes e “naturais” os ideais retilíneos de beleza e bem-estar físico.

Palavras-chave: Pedagogia, história dos corpos, retidão do porte.

Abstract: In this text we analyze the process of constitution of what we call *pedagogy of the straight bodies*, a group of procedures designed to adjust/straighten disjoint physiques and spirits not in accordance to the principles of straightness of posture and austerity of character; emergent in the specialized dissertations regarding the human body at the end of the 18th century and beginning of the 19th. Through some elements of literature, media, and based mainly on the formulations of Georges Vigarello and Michel Foucault, we present some considerations regarding the contemporary obsession for aligned, smooth and slim bodies, starting from the tracks of a lengthy process of moral degradation of the most distinct and detailed organic deformities; a process which highlights the ideals of the beauty of straightness and physical well-being making them become more “natural”.

Key-words: Pedagogy, history of the bodies, straightness of posture.

* Faculdade de Educação – Unicamp. carmenls@unicamp.br

** Escola de Educação Física (ESEF) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). alexbf@poa.zumnet.com.br

Corpos em (des)concerto

A condição social se reconhece na carne de um indivíduo (PASOLINI, 1990).

1,79 metro, 51 quilos, 89 centímetros de busto, 57 de cintura e 89 de quadris... Mais do que números que definem a simetria de um corpo feminino, uma assinatura; um corpo marca registrada – Gisele Bündchen. Cânone da beleza *in natura* e tipo exportação: jovem, esbelta, magra, lisa, milimétrica; que se completa exibindo seus dotes na moldura reta e alongada das passarelas cobertas pela mídia. Ao que parece, nada a ser retocado, um corpo que beira a perfeição das formas. Desconcertante!

Eis aí uma expressão corriqueira mas inquietante. Inquieta-nos porque aqui a palavra “desconcertante” não se explica apenas pela sua face mais reluzente, tranqüilizadora; ela carrega clandestinamente o outro que lhe permite reluzir: o “desconcertado” que lhe serve de parâmetro. De certa forma, um corpo louvado pela excelência das simetrias depende, em grande parte, do processo de degradação dos “desengonçados” que sucumbiram (e ainda sucumbem) diante de suas mais cintilantes formas.

Uma das maneiras de desatar alguns nós da obsessão contemporânea pelos contornos corporais retilíneos é inverter a relação entre corpos “desconcertantes” e “desconcertados”; isto é, passar a analisar o aperfeiçoamento físico pelas marcas quase apagadas de um processo de eliminação das anatomias desalinhas.

A palavra desconcertante, no sentido acima empregado, deixa-nos ver, por uma pequena fresta, o rastro de corpos disformes produzidos por uma minuciosa e dissimulada “pedagogia dos corpos retos”. Fresta da porta de um imenso “laboratório” que há muito tempo vem alimentando as virtudes de corpos milimétricos por meio da “compressão” das mais detalhadas deformidades físicas.

Celulites, estrias, rugas, “gordurinhas sobrando” integram o conjunto das “desordens orgânicas” contemporâneas; elas são alvo de um intenso investimento da indústria de cosméticos e do *fitness*, na busca dos mais sofisticados artefatos de eliminação dos excessos. Essa “tirania do detalhe anatômico”¹ está assentada sobre uma história muito mais sofrida do que a dos procedimentos hoje utilizados para extirpar saliências corporais quase imperceptíveis. De certa forma, o olhar clínico que as tornou salientes está intimamente relacionado ao exercício do olhar sobre as morfologias grotescas que assombravam o imaginário dos séculos XVIII e XIX. Nesse período, as deformidades também estavam relacionadas ao excesso, mas as escalas eram outras; a busca da composição corporal equilibrada estava intima-

1. Conforme Jean-Jacques Courtine (1995).

mente ligada ao princípio da retidão do corpo e da rigidez do porte, tão necessárias ao processo de industrialização emergente.

Personagens literários como Quasímodo, o sineiro da Igreja de Notre-Dame, do famoso romance escrito por Victor Hugo em 1830, ajudavam a pavimentar o cenário de horror e medo ante os corpos disformes disseminados pelas ciências naturais. A própria descrição física tratava de demarcar o “peso” social de figuras como Quasímodo: nariz esparramado entre os olhos, cabeça afundada entre os ombros, boca e fronte retorcidos, dentes tortos, falhados e escurecidos, verrugas enormes que encobriam os olhos, pele enrugada, uma perna mais curta que a outra e proeminência na coluna dorsal (HUGO, 1836). O Corcunda de Notre-Dame tornou-se uma espécie de cânone do grotesco e foi condenado a viver recluso na igreja, aprendendo a esconder seu corpo dos olhos já habituados a morfologias bem mais alinhadas². Quasímodo era um entre tantos personagens ficcionais³ que davam a dimensão do exílio a que eram submetidos alguns sujeitos de “carne e osso” da Europa daquele tempo. Eles povoavam não só o imaginário social, mas também os asilos, prisões e hospitais psiquiátricos erguidos para conter “aberrações humanas”⁴.

Essas instituições, que inicialmente se destinavam a regular a circulação dos sujeitos, passaram também a efetivar uma “terapêutica de pressões” destinada a endireitar os corpos desengonçados. Corpos que, além de habitar os espaços de reclusão, também passaram a ser habitados por uma “ortopedia discursiva” (FOUCAULT, 1996), cada vez mais infiltrada no cotidiano da vida urbana. Assim, o corpo educado passava a ser expressão de civilização.

Justamente no século de Victor Hugo uma “pedagogia das atitudes”⁵ iria tornar mais eficiente a “encarnação”⁶ do endireitamento, que se configurava como um conjunto de procedimentos corretivos que pretendia ir além de um controle meramente externo. Ali as mais íntimas regiões do corpo começavam a ser conquistadas pelos discursos especializados, que se embasavam nas experimentações

2. Apesar de Victor Hugo situar historicamente seu romance na Idade Média, a narrativa sobre o corcunda está muito mais ligada ao modo de olhar as deformidades de seu tempo, final do século XIX, do que ao imaginário medieval sobre os corpos (Calligaris, 1996; Rodrigues, 1999).

3. Além de Quasímodo, podemos citar a criatura trazida ao mundo pelo Dr. Victor Frankstein e as bestas humanas criadas na ilha do Dr. Moreau (Breton, 1995).

4. Aqui convém destacar que, até o século XV, as crianças que nasciam com deformidades físicas eram afogadas nos rios para não “contaminarem” os corpos considerados sãos. Pode parecer estranho, mas a clausura em instituições de contenção representou um tratamento mais “humanitário” aos sujeitos considerados deformados, já que até então eles eram simplesmente mortos.

5. Esse é um conceito desenvolvido por Georges Vigarello (1978) em *Les corps rédressés*.

6. “Encarnação” no sentido atribuído por Michel de Certeau (1996), uma lei que se faz carne, um texto que atravessa, marca e se constitui como corpo, uma ordem pensada que conforma e põe em movimento os corpos vivos.

científicas e as fomentavam (VIGARELLO, 1978). Essa espécie de “endocolonização” das formas retas, um processo de normalização do alinhamento, visava não só a corrigir as deformidades físicas, mas também, e especialmente, os desvios morais.

Neste texto, propomo-nos a seguir alguns rastros da articulação entre corpos desconcertantes e desconcertados; percorrer alguns fios históricos que tornaram mais reluzentes os ideais retilíneos de beleza e bem-estar físico e que conectaram de maneira quase imperceptível materialidades tão distintas como as da contemporânea Gisele Bündchen e do medievo Quasímodo.

Doutrina das vidas retas⁷

Portar-se adequadamente, andar na linha, manter a compostura, desenvolver a retidão do caráter são exigências menos visíveis de um longo processo de organização das condutas destinadas ao endireitamento (ortopédico e moral) dos corpos; um dos efeitos mais sutis do que chamamos aqui, baseados em George Vigarello (1978), de *pedagogia dos corpos retos*.

A idéia de que o corpo em sua exterioridade traduz uma posição moral interna tem sido largamente tratada no Ocidente desde o século XVIII e, mais acentuadamente, a partir do século XIX, pelos discursos médico, jurídico, pedagógico e literário. Esse é um tempo de ajustamento dos discursos sobre educação do corpo, sintonizados na retidão de posturas e comportamentos, que visava à erradicação das anatomias disformes, bem como dos espíritos desconformes, de uma maneira bem mais “humana”⁸. Mas quais eram as referências que tornavam os discursos sobre o corpo cada vez mais especializados? Provavelmente a ambição de conhecer e controlar o corpo; de penetrar num território inexplorado e dominar sua materialidade enigmática; de destituí-lo de história e subjetividade.

As referências que embasaram essa cruzada físico-moral são aquelas dos tratados de higiene, fisiologia e anatomia, acrescidas de uma boa dose de convencimento sobre a necessidade de pôr o corpo em movimento como pressuposto fundamental do bem-estar geral. Desejava-se criar uma cultura própria ao corpo ágil, no mesmo período em que começavam a se alastrar imagens positivas em torno dos corpos magros. O “mito do emagrecimento”, tal como sugere Vigarello (1978),

7. As idéias desenvolvidas neste item foram inspiradas basicamente em Vigarello (1978), especialmente no capítulo “L’Organisation et la distribution d’un travail correcteur”, pp. 125-154.

8. Em uma das passagens da obra de Fernando de Azevedo (1920), podemos perceber os ecos desse discurso no Brasil: “Se é necessário para o vigor da espécie que todos os imperfeitos sejam destruídos, sobreponhamo-nos à natureza, não destruindo os imperfeitos com austeridade dórica, que mandava lançar ao Tágete as crianças disformes e punia a obesidade como um vício – o que seria desumano, mas tornando-os perfeitos – o que seria altruístico; não eliminando os fracos, o que seria selvagem, mas eliminando-lhes a fraqueza – o que é dever da ciência” (p. 25).

foi-se compondo com imagens de ligeireza, agilidade, esbelteza, perfeitamente integradas ao mundo urbano.

Ruas enchem-se de gente, espaços diminuía, meios de transporte transformavam-se e incorporavam uma idéia de velocidade nunca antes vista. É um tempo em que a lógica maquinal passou a coordenar os movimentos corporais e os costumes da população; um tempo em que a vida veio a ser entendida como uma perfeita engrenagem.

O corpo, assim, deveria exibir uma atitude ereta que desse a impressão de firmeza, de um espírito empreendedor. Passou a ser imperioso conclamar a população a se “armar” contra a moleza das carnes e a fraqueza do espírito; a se inspirar nos princípios retilíneos elaborados pela ciência moderna.

A doutrina das vidas retas, virtuosas e sem desvios privilegiou o olhar anatômico, fisiológico e ortopédico no exame minucioso da boa postura e da compostura. Houve um esforço para compreender a dinâmica das diferentes alavancas e músculos em sua delicada alternância na produção de uma atitude corporal ereta, sinal exterior da firmeza moral e do fulgor da alma. Paralelamente, houve também uma associação literal entre uma atitude corporal curvada, largada, solta e o caos moral individual e social, o caos da cidade, lugar onde os corpos se aglomeraram.

Georges Vigarello (1978) afirma que as prescrições voltadas para uma postura corporal ereta se valem do argumento de que o vigor e o bom funcionamento do corpo eram vetores fundamentais para o desenvolvimento das aptidões morais necessárias à convivência social. Esta educação para a retidão se viabilizaria através de exercícios físicos rigorosamente organizados em prol da eficiência para o trabalho e não para o espetáculo, como até então faziam artistas das mais variadas estirpes⁹.

A estrutura do corpo passou a ser pensada em detalhes, e a combinação de seus diversos segmentos ganhou importância. Se o corpo deve ser firme e ereto, deve também se (re)fazer a partir de um obstinado e meticuloso trabalho de fortalecimento muscular e articular que possa sustentar a boa postura ao longo da vida. Diferentes pedagogias seriam desenvolvidas para intervir e educar em nome da retidão das formas e dos costumes, com destaque para a sistematização da ginástica na Europa no século XIX¹⁰, que iria demarcar, pela regulação dos movimentos, o lugar de excelência dos corpos retos e o lugar de excrescência dos corpos desalinhadados.

No entanto, antes disso, por volta do século XVII até a segunda metade do século XVIII, a imobilidade corporal reinava absoluta nas terapêuticas destinadas a endireitar o que se considerava torto. Cruzes de ferro, tutores, alavancas para

9. Sobre a relação entre o movimento ginástico europeu e os artistas que faziam uso do corpo em prol do espetáculo, consultar o trabalho de Carmen Lúcia Soares (1998).

10. Sobre a sistematização da ginástica nesse período, consultar o trabalho de Carmen Lúcia Soares (2001).

distensão corporal, espartilhos compunham o arsenal médico destinado a colocar a morfologia no molde. Corpos empertigados e eretos, que correspondiam ao ideal da nobreza, deveriam ser modelados tal como bonecos em argila: uma massa inerte à espera da pressão externa. Portanto, quanto menos movimento, mais eficiente seria a correção das deformidades.

Imobilidade dos corpos retos

Do século XVI ao século XIX, o espartilho foi largamente utilizado pelas mulheres aristocratas e burguesas para deixar seus corpos cada vez mais retilíneos. Um aparelho perfeitamente ajustado ao pensamento das “damas” daquele tempo: nada de esforços físicos e desgastes desnecessários em prol do alinhamento, pois os sacrifícios eram próprios às mulheres que precisavam empregar força física nas lides diárias. O espartilho, portanto, era um artefato destinado não só a endireitar, mas também a denotar uma diferença de classe, uma vez que, ao usá-lo, qualquer esforço físico era impossível. A moda, assim, marcava mais claramente uma distinção entre a elite e o povo¹¹.

Apesar do prestígio alcançado pelo espartilho, desde o século XVII seu uso foi alvo de inúmeros questionamentos. Antes da Revolução Francesa, Rousseau já pregava um retorno à natureza e à vida simples do campo, engajando-se às vozes médicas e pedagógicas discordantes numa cruzada contra o espartilho, considerando uma “prensa de corpos” (FONTANEL, 1998, p. 40).

Eram vozes especializadas empenhadas na destruição dessa estrutura artificial, discursos especializados que uniam forças para que o corpo, “livre” desta parafernália exterior, pudesse ser educado a sustentar sobre si mesmo as exigências de uma postura ereta. O efeito mais importante desse combate à aparelhagem reparadora não foi sua eliminação física das terapêuticas de pressão, mas sua dissimulação nas formas femininas retilíneas.

Georges Demeny (1850-1917), biólogo e pedagogo francês, era um dos críticos mais contumazes dos hábitos gerados pela moda e seus artificios:

o traje valoriza o encanto das linhas e a naturalidade do gesto; para isso, a roupa deve ser moldada pelo corpo e não o corpo pela roupa; esta não deve, aliás, esconder os defeitos de conformação. Um espartilho apertado ao extremo ou uma veste estofada, proveniente dos melhores fabricantes, eliminam toda graça natural ao menor movimento (DEMENY, 1920, p. 2).

Demeny acreditava que parte da decadência física das mulheres se devia ao uso desses acessórios e das próprias roupas e calçados femininos. Condenava o uso dos espartilhos, porta-seios, cintas, saltos altos e todos os meios de sustentação do

11. Ver, a respeito, o trabalho de Béatrice Fontanel (1998).

corpo que fossem artificiais. Dizia que esses mecanismos exteriores de sustentação poderiam comprimir em demasia órgãos internos vitais.

[...] uma jovem envolvida por essa couraça externa encontra-se quase impossibilitada de levantar os braços ou de se abaixar. Estando os movimentos dos membros assim reduzidos, os músculos tornam-se inativos, atrofiam-se, o corpo enfraquece e não pode mais se manter sem o auxílio desses meios artificiais. A jovem não pode se decidir a abandonar seus instrumentos de tortura pelo receio de “despencar”; e acidentes de todos os tipos, na melhor das hipóteses uma hérnia, ocorrem num corpo incapaz de sustentar a si mesmo (DEMENY, 1920, p. 3).

Demeny afirmava que os hábitos saudáveis deveriam se sobrepor, desde a mais tenra idade, a esses que causam tantos malefícios às mulheres. O exercício físico bem dosado e adequado às meninas deveria tomar acento definitivo desde o início do processo educacional. Educando-a, educa-se a futura mãe que, por sua vez, educará suas futuras filhas. É através da ginástica que a educação física da mulher vai tornar-se completa; por isso, quanto mais cedo iniciá-la nessa “arte fundada sobre a ciência do movimento”¹², mais eficientes serão seus resultados.

A atenção dispensada à educação física feminina não representava nenhum tipo de privilégio social para as mulheres daquele tempo; pelo contrário, esses cuidados se justificavam em razão dos alegados benefícios sanitários transmitidos à prole masculina. De certa forma, defender os exercícios como um meio de “fortalecer” os corpos femininos significava muito mais um aprofundamento da subordinação das mulheres a um modo masculino de se movimentar que qualquer tipo de emancipação social¹³.

Nessa pregação generalizada dos exercícios físicos em detrimento das aparelhagens artificiais, a imagem de um corpo física e moralmente apurado funcionava como ponto de convergência do desenvolvimento de virtudes predominantemente masculinas como robustez, hombridade e confiança em si mesmo. Conforme Manuela Hasse, “o domínio do corpo, bem proporcionado, representava a autêntica disciplina exercida sobre si próprio. Uma composição elaborada que desvendava o requinte interior” (1999, p. 29).

De maneira sutil, a exortação generalizada à verticalidade dissimulava as saliências de gênero nas entranhas do apelo à exercitação. A incorporação dos exercícios físicos à linha de montagem das vidas retas não se destinava apenas ao cuidado com a aparência externa de homens e mulheres, mas também, e talvez principalmente, destinava-se a fazer valer uma vontade interior universal, ou seja, uma vontade de matriz masculina.

12. Expressão cunhada por Georges Demeny (1920, pp. 4 e 8).

13. A respeito do imaginário masculino do início do século XX sobre o corpo feminino em movimento, consultar o artigo de Silvana Goellner (2000).

O corpo, portanto, carecia de uma sólida educação para poder traduzir, na aparência, os códigos de civilidade que expressassem essa vontade interior universal. As couraças exteriores deveriam dar lugar a um trabalho metucioso e intermitente do indivíduo consigo mesmo. Ele deveria agenciar suas forças para lograr a obtenção do físico requerido. Os sinais a serem inscritos nos corpos exigiam novos procedimentos: uma educação do corpo sem armaduras exteriores, sustentada apenas no jogo preciso de suas próprias forças.

A dinâmica dos corpos retos

Ao final do século XIX e início do século XX, as preocupações em torno do corpo e de sua funcionalidade também estiveram diretamente ligadas aos problemas relativos à degeneração física e moral das populações. Essas preocupações não eram novas nesse período, mas a forma de investimento sobre os corpos, sim. Pululavam experimentações contaminadas pela precisão prometida pela biomecânica e termodinâmica. O corpo, mais do que nunca, constituía-se em um território aberto às mais variadas possibilidades de intervenção, responsáveis por formas mais sofisticadas de coerção e disciplinamento.

Decodificar, separar, fragmentar as partes do corpo para melhor analisá-lo já vinha sendo o caminho preferido. Apartar essa materialidade – constituída de músculos, ossos e nervos – das subjetividades era a tônica dos discursos especializados desde a Idade Média. É o caso da anatomia, o “olho mágico” capaz de perscrutar, nomear e tornar visíveis os órgãos debaixo da pele. Os estudos anatômicos, desde seus primórdios, promoviam rupturas com velhas concepções e criavam visões de uma suposta neutralidade do corpo (GLEYSE, 1997). Leonardo da Vinci (1452-1519) e André Vesalio (1514-1564) criaram uma nova racionalidade que se afirmou como um grande eixo da medicina moderna e das explicações sobre o corpo, que passou a ser “espaço de origem e repartição da doença: espaço cujas linhas, volumes, superfícies e caminhos são fixados, segundo uma geografia agora familiar, pelo atlas anatômico” (FOUCAULT, 1980, p. 1). É a anatomia que iria permitir uma descrição rica em detalhes e a elaboração mais sofisticada de um discurso especializado sobre o corpo. É ela que iria precisar os desenhos e, assim, criar uma objetividade do olhar. Com essa objetividade delineada, foi possível penetrar em todas as partes e em todas as dimensões do corpo; dominar aquilo que se encontrava até então desconhecido. O olhar objetivo, guiado pelas explicações precisas, permitiria explorar, manipular e revelar caminhos nunca antes trilhados. Identificação de erros e desvios, encontro de acertos e de soluções passaram a ser apresentados como resultados verossímeis desta arqueologia do detalhe.

Conforme assinala Georges Vigarello (1978), a anatomia inaugurou a verificação pormenorizada das múltiplas forças em jogo na manutenção do porte ereto, da

firmeza e do equilíbrio, mas ela dava conta apenas do esquadramento estático de ossos, músculos e nervos, da manipulação de sua morfologia inerte. Faltavam-lhe parâmetros científicos para medir as angulações do corpo em pleno deslocamento, que pudessem também delinear a mobilidade dos corpos retos, pois, além da morfologia, era preciso também colocar o movimento humano no molde.

Na busca pela manutenção dessa postura vertical dinâmica, começaram a surgir explicações acerca da tensão entre as partes do corpo em movimento. Combinavam-se noções de tempo, espaço e energia na análise e nas explicações das ações e reações corporais. A “dissecação” detalhada dos músculos e das suas respectivas articulações aprofundaria a mecanização dos movimentos, só que dessa vez também possibilitaria um olhar milimétrico sobre o ato de mover o corpo e, algo mais pretensioso ainda, sobre aquilo que move o humano. Esboçava-se aí uma representação do trabalho corporal, ao qual se impunha um agenciamento de movimentos esquadridados e uniformemente repetidos (VIGARELLO, 1978). Afir-mava-se uma ambição de revelar e repertoriar sucessões de movimentos em frações mínimas.

As pedagogias iriam ordenar as técnicas de decomposição e apreensão de detalhes dos corpos a partir de um instrumental baseado em meticulosas planificações de trabalho, que desenhariam limites e dirigiriam as ações mais elementares. João Comenius (1985), em sua *Didática Magna* escrita no século XVII, esboçava estas idéias plenamente desenvolvidas no século XIX e materializadas, por exemplo, na cronofotografia.

Os experimentos cronofotográficos de Etienne Jules Marey (1830-1904)¹⁴ e Edward Muybridge (1830-1904) tornaram possível enxergar a verticalidade em movimento. Esses experimentos passaram a funcionar também como uma espécie de “olho mágico” da ciência sobre os corpos; porém, não se tratava apenas de dar visibilidade aos órgãos internos, algo já conquistado pela anatomia, mas sim de desvendar e registrar os segredos do corpo em deslocamento (EWING, 1996; SOARES, 1998; TERRA, 2002).

A dinâmica dos corpos retos deveria corresponder à necessidade de eficiência dos gestos, precisão, economia de forças demandados pela nova configuração dos espaços de convivência social. O corpo civilizado passou a ter toda a sua aparência “naturalmente” redesenhada, ações reenquadradas, ritmos refeitos por uma educação física racionalizada – que acreditava, independentemente de épocas e lugares, na neutralidade da intervenção científica.

O corpo é ao mesmo tempo o elo mais evidente, mas pouco visível, da conexão entre natureza e cultura¹⁵; uma membrana que filtra e exala nossas mutações estéticas e morais. Ele pode ser lido como um texto que guarda em cada célula a

14. Sobre os estudos de E.J. Marey, ver o trabalho de Vinícius Demarchi Terra (2002).

15. Sobre a estreita relação entre natureza e cultura, consultar o trabalho de Ana Márcia Silva (2001).

memória de um tempo, a história da sociedade na qual vive, apesar de todo o investimento em contrário da racionalidade científica. Buscar os registros deixados nos corpos é uma das mais interessantes formas de tecer interpretações a respeito do passado e, assim, alargar a compreensão do presente. Ele é um documento vivo em que a idéia de tempo é forjada em sua materialidade por atos de conhecimento.

Corpos in natura

Durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar, mas sob a condição de se converter totalmente em boa forma (SANT'ANNA, 2001a, p. 108).

Somos tributários do discurso especializado que investe numa leitura do corpo como apartado das subjetividades. Fatiado em inúmeros pedaços pela anatomia, esquadrihado pela cronofotografia em sua mobilidade, o corpo é, hoje, mais do que em qualquer época, um produto dessa fragmentação. Das especialidades médicas ao transplante de órgãos, do rapto e contrabando de partes do corpo às inúmeras intervenções da ciência e tecnologia (SANT'ANNA, 2001b), o corpo é, contemporaneamente, como sugere Frank Perrin (1996), um laboratório de todas as experiências, um campo de segmentos heterogêneos em mútuo agenciamento, uma onipresença volátil e indiscernível, lugar de máxima exploração de limites.

Da massa disforme e inapta de Quasímodo às formas retilíneas *in natura* de Gisele Bündchen, um longo e penoso processo de coerção e disciplinamento fez-se carne; entranhou-se nos corpos através de um arsenal educativo voltado para a retidão das formas e dos costumes, responsáveis por uma distribuição detalhada do que deveria ser vergonhosamente escondido e do que deveria ser orgulhosamente exibido.

Exibir-se corresponderia a uma declaração de fidedignidade aos inúmeros cuidados: exercícios físicos, adoção de regimes alimentares, regulação do sono, etc. Esconder-se passaria a ser imperioso quando o relaxamento e a fraqueza física assumissem formas protuberantes indesejáveis no corpo: flacidez, obesidade, insônia, etc. É aí que se movem os ideais contemporâneos de boa forma, beleza e felicidade, como também as frustrações e ansiedades que produzem um sem-número de enfermidades¹⁶.

16. Aqui podemos citar bulimia, anorexia, síndrome do pânico, entre outras enfermidades. É possível dizer que as características dessas doenças não são novas: de uma certa forma já existiam há muito tempo, mas é em nossa época que elas foram nomeadas/catalogadas pela medicina e passaram a habitar mais freqüentemente os corpos do final do século XX. É através dessa nomenclatura médica que nos tornamos "devidamente" doentes.

Essa pedagogia dos corpos retos desencadeia verdadeiras cruzadas pela busca do corpo jovem, pela manutenção, a qualquer preço (muitas vezes a peso de ouro), das peles lisas e das carnes firmes¹⁷. A beleza é, então, compreendida como o resultado de um investimento pessoal (econômico) e é buscada em formas idealizadas e homogêneas pelos clichês massificados. A passagem das idades deve ser ocultada e as experiências existenciais das transformações corporais substituídas pelo processo de cicatrização das cirurgias plásticas ou pelas sensações causadas por diferentes “elixires” da juventude, não importando as conseqüências nem os riscos deles decorrentes. Há um desejo desesperado por um corpo útil, firme e “belo”¹⁸ e, sobretudo, atemporal.

Tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados (SANT’ANNA, 2001b, p. 18).

Os corpos jovens, esbeltos, longilíneos, altos, saudáveis e ativos de hoje são aqueles que há muito tempo encarnaram a retidão. A aparência externa tornou-se uma pregação subjetiva mais profunda, que potencializa o sujeito a exterminar em si mesmo todo o tipo de desvio que o desalinhe física e moralmente. A introjeção desses princípios torna-se mais profunda no momento em que procedimentos estéticos tortuosos se tornam mais banais. Ceras quentes para arrancar pêlos, aplicações de botox, lipoaspirações, cirurgias redutoras, implantes de silicone, injeções de hormônio hGH¹⁹, aparelhos ortodônticos compõem o instrumental corretivo contemporâneo destinado a dar aos corpos uma aparência “naturalmente” reta – um corpo *in natura*.

Aqui um corpo reto *in natura* não está relacionado somente àqueles que nasceram e se tornaram “desconcertantes” sem nenhum esforço, como nos faz crer a

17. Sobre os significados culturais da pele humana, lisa ou enrugada, e suas relações com a cultura contemporânea, consultar o artigo “Entre a pele e a paisagem”, de Denise Sant’Anna (2001c).
18. Na obra clássica escrita por Vitruvio sobre a arquitetura encontram-se, como características desta técnica de construir a firmeza, a utilidade e o encanto. Ver a respeito Andrés Zarankin (2002).
19. O hGH está relacionado ao GH, hormônio responsável pelo crescimento humano e produzido naturalmente pela hipófise. A produção de GH atinge seu auge entre a idade de 13 e 18 anos, e entre os 25 e 30 anos começa a cair. Há cerca de 35 anos começou a ser usado em crianças com problemas de nanismo. Nessa época era retirado da hipófise de cadáveres humanos ou de vacas. Na última década, passou a ser produzido sinteticamente e a ser chamado de hGH; deixou os consultórios médicos e conquistou adeptos entre adultos interessados em obter resultados estéticos imediatos, quando acompanhado de exercícios físicos e dieta balanceada: redução de gordura, aumento da massa muscular, sensação de bem-estar. Foi considerado o anabolizante do verão nas academias de São Paulo. Os prejuízos que podem trazer à saúde são inúmeros: risco de desenvolver diabetes resistente à insulina, acromegalia, que é o risco de ter um crescimento desproporcional das extremidades ósseas como os dedos das mãos, pés e queixo, inflamação e dores crônicas nas mãos, além de câncer de fígado (Oliveira, 2001).

mídia em relação a Gisele Bündchen, algo do tipo “se mexer estraga”. Mas está também relacionado àqueles que conseguiram tornar menos visíveis os mecanismos de correção que lhes deram uma aparência diferente daquela que o “destino” lhes reservou. Eles são *in natura* por terem conseguido incorporar na própria carne um conjunto de procedimentos destinados à eliminação das deformidades de um modo tão perfeito que a retidão parece brotar naturalmente de dentro do corpo, como se viesse das vísceras e aflorasse na pele, tal como uma erupção²⁰.

No entanto, pelos mesmos poros que transbordam os ideais retilíneos das carnes humanas alinhadas, passam também fluxos das morfologias disformes incontinentes. É na superfície que encontramos ambas: sobre peles lisas podemos visualizar a retidão mais profunda; sobre peles enrugadas podemos ler a deformidade mais recalçada.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Fernando de. *Antinoüs: estudo de cultura athletica*. São Paulo/Rio de Janeiro: Weiszflog Irmãos, 1920.

BRETON, David Le. A síndrome de Frankenstein . In: SANT’ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 49-67.

CALLIGARIS, Contardo. ‘Corcunda’ cor-de-rosa: críticas que apontam traições no desenho animado da Disney desconhecem defeitos do original de Victor Hugo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 7 jul. 1996, Caderno Mais, p. 5-12.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1996.

COMENIUS, João Amos. *Didáctica Magna*. 3. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denise B. de (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

DEMENY, Georges. *Éducation et harmonie des mouvements*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1920.

EWING, William A. *El cuerpo: fotografías de la configuración humana*. Madrid: Ediciones Siruela, 1996.

FONTANEL, Béatrice. *Sutiãs e espartilhos: uma história de sedução*. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda, 1998.

FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

20. Sobre o processo de incorporação e naturalização dos discursos, consultar o trabalho de Alex Branco Fraga (2000), especialmente o capítulo “Corpo em discurso”, pp. 97-130.

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- FRAGA, Alex Branco. Anatomias emergentes e o bug muscular: pedagogias do corpo no limiar do século XXI. In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001, p. 61-78.
- GLEYSE, Jacques. *L'Instrumentalisation du corps: une archéologie de la rationalisation instrumentale du corps, de l'âge classique à l'époque hypermoderne*. Paris: Editions L'Harmattan, 1997.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS/Faced, 25 (2), p. 77-94, jul./dez. 2000.
- HASSE, Manuela. *O divertimento do corpo – corpo, lazer e desporto na transição do século XIX para o XX em Portugal*. Lisboa: Editora Temática, 1999.
- HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Paris: Renduel, 1836, 3 v.
- OLIVEIRA, Roberto. A droga do verão. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 jan. 2001, p. C24.
- PASOLINI, Pier Paolo. *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- PERRIN, Frank. *L'Art au corps: le corps exposé de Man Ray à nos jours*. Marseille: Musées de Marseilles-Réunion des musées nationaux, 1996.
- RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- SANT'ANNA, Denise B. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001a.
- SANT'ANNA, Denise B. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001b.
- SANT'ANNA, Denise B. Entre a pele e a paisagem. In: *Projeto história: natureza e poder*. São Paulo: EDUC/FAPESP (23), nov., 2001c, p. 193-207.
- SILVA, Ana Márcia. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas/Florianópolis: Autores Associados; Editora da UFSC, 2001.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 1998.
- SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. 2. ed. rev. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.
- TERRA, Vinícius Demarchi. *Pedaços do tempo, gestos partidos: memórias do corpo em movimento na fotografia de Etienne-Jules Marey*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.

VIGARELLO, Georges. *Le corps redressé*. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978.

ZARANKIN, Andrés. *Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista*. Campinas: Centro de História da Arte e Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp/Fapesp, 2002.